

CONCEITO-DADO: OS ONDES E SUAS POSSIBILIDADES¹

Fernanda Fedrizzi

Resumo: *Conceito-dado* é um múltiplo que facilita a compreensão dos conceitos de lugar, espaço, local, território e sítio explorando a aleatoriedade. Apresentado como um dado planificado impresso em papel para ser recortado e montado, brinca com conceitos de modo que o onde se torna categorizável na ação de jogar com palavras. Com foco no lugar, o texto apresenta os conceitos trazidos no dado em diálogo com reflexões teóricas e trabalhos de artistas como Georges Perec, Hélio Ferverza e Peter Downsbrough.

Palavras-chave: Conceito-dado. Conceito. Múltiplo. Jogo. Lugar.

CONCEPT-DIE: THE WHERE'S AND THEIR POSSIBILITIES

Abstract: *Concept-die* is a multiple that facilitates the understanding of the concepts of place, space, locale, territory and site by exploring chance. Presented as a flat die printed on paper to be cut out and assembled, it plays with concepts in such a way that the where becomes categorizable in the action of playing with words. Focusing on place, the text presents the concepts brought up in the die in dialogue with theoretical reflections and works by artists such as Georges Perec, Hélio Ferverza and Peter Downsbrough.

Keywords: Concept-die. Concept. Multiple. Play. Place.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Que diferentes sentidos podem ser aplicados aos conceitos? O que muda ao escolhermos palavras para designar *ondes*? Por que categorizar um *onde* é tão importante? *Conceito-dado* (Figura 1) é uma proposta que tenta facilitar a compreensão dos conceitos de lugar, espaço, local, território e sítio explorando a aleatoriedade com que as palavras são utilizadas no cotidiano.

Neste artigo, reflito sobre os conceitos explorados em *Conceito-dado*, um múltiplo apresentado como um dado planificado, impresso em papel, que deve ser recortado e montado, através de um percurso por seus sentidos e trabalhos de artistas que pensam sobre temáticas em comum com o trabalho. *Conceito-dado* brinca com conceitos de forma que o *onde* se torna categorizável na ação de jogar com as palavras que, diferentemente de seu significado formal, são empregadas de modo livre das amarras conceituais. Para tanto, sugiro que nesta leitura seja observado que o propósito do trabalho, compreendido por um impresso-jogo, é diferente do propósito do texto contido neste artigo, que busca apresentar algumas das definições presentes na proposta artística.

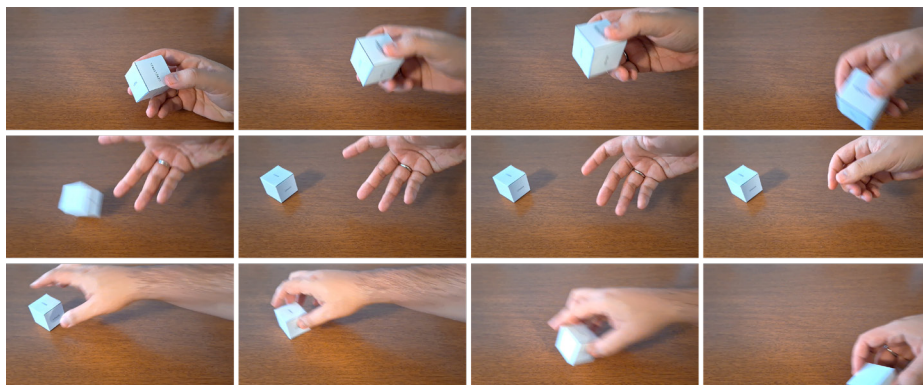


Figura 1. Fernanda Fedrizzi. *Conceito-dado*, 2023. Impressão digital sobre papel sulfite 180g/m², dobrado e colado com fita dupla-face transparente, múltiplo. Fonte: Acervo da artista.

Johan Huizinga (2000) define um jogo como uma atividade ocorrida dentro de um determinado período, com regras dadas e seguidas, que se basta em sua própria ação. *Conceito-dado* é um jogo que traz em seu título um brincar com as palavras: é um dado, peça com seis lados



iguais que apresentam informações como pontos, números ou palavras; dá um conceito, uma definição, algo que já está estabelecido; e é uma informação que descreve e qualifica algo em um tempo específico. O trabalho é composto por uma folha branca, sulfite 180g/m², formato A4 (29,7 x 21 cm), onde há a planificação do dado, o objetivo do trabalho e algumas instruções de uso, além dos dados de autoria. Não há um número de cópias previsto, o trabalho é impresso sob demanda. O plano de fundo da página é formado por diversos cubos tridimensionais vazados e sobrepostos, alguns com uma face evidenciada em tom de cinza claro. Há também o desenho de um dado em preto, com interrogações, que dá certo caráter lúdico ao trabalho. O dado montado (Figura 2) possui formato 4 x 4 x 4 cm, de cor cinza, muito próxima ao branco, com as palavras centralizadas em cada uma das faces.

O *conceito-dado* auxilia o entendimento dos conceitos de lugar, espaço, local, território e sítio para além das referências filosóficas e geográficas. Ele indica qual a classificação de onde você está e, assim, a dúvida sobre qual palavra usar para designar um lugar-espaço-local-território-sítio passa a não ser mais um problema. O *conceito-dado* é uma forma lúdica de criticar a arbitrariedade com que usamos as palavras no cotidiano (Fedrizzi, 2023).

Na folha que carrega o trabalho também há instruções de montagem e de uso:

1. Recorte a figura seguindo as linhas sólidas.
2. Dobre a figura seguindo as linhas tracejadas.
3. Monte o dado com fita adesiva ou cola
4. Não sabe a classificação de onde você está? Jogue o dado e descubra!
5. Anote o que foi descoberto.
6. Repita os passos 4 e 5 sempre que estiver na dúvida (Fedrizzi, 2023).



Figura 2. Fernanda Fedrizzi. *Conceito-dado*, 2023. Impressão digital sobre papel sulfite 180g/m², dobrado e colado com fita dupla-face transparente, múltiplo. Fonte: Acervo da artista.

O dado foi lançado pela primeira vez no edifício da sede histórica do Instituto de Artes (IA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sua classificação foi *sítio*. As palavras, como escreve Sandra Pesavento (2001, p. 99), são “uma forma de qualificar o mundo, dando sentido e pautando ações sociais”, onde o significado dado cria realidade e “organiza a percepção do mundo”. O que é um sítio? Como a percepção sobre um *onde* se altera no momento da classificação? São muitas as possibilidades que um conceito dado pode oferecer como um classificador. Valère Novarina (2002, p. 17) afirma que “aquele que fala, aquele que escreve, é alguém que joga suas palavras como pedras divinatórias, como dados lançados”, como um desdobrar das possibilidades de interpretação de uma palavra a partir do momento em que ela é lançada ao mundo. Ao jogar o dado, as definições conceituais são ignoradas e a aleatoriedade é abraçada, assim como ocorre em certos momentos da fala, quando escolhemos as palavras que iremos usar para exprimir algo.

Conceito-dado é um trabalho bilíngue. A versão em inglês, *Concept-die* (Figura 3), é formada pelas palavras *site*, *locale*, *place*, *space* e *territory*, traduções das palavras que compõem o dado em português. Contempla, também, um jogo de palavras em seu título, que traz a palavra *dado*, no singular, que se iguala a palavra morte (*die*) indicando uma possível morte dos conceitos ali expostos.



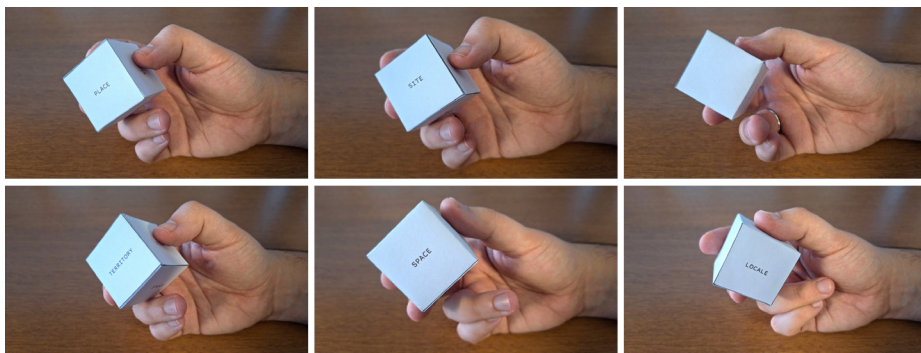


Figura 3. Fernanda Fedrizzi. *Concept-die*, 2023. Impressão digital sobre papel sulfite 180g/m², dobrado e colado com fita dupla-face transparente, versão em inglês, múltiplo. Fonte: Acervo da artista.

Ao montar o dado, inserindo os cinco conceitos escolhidos em cada uma das faces, uma delas fica em branco (Figura 4), deixando o conceito a ser utilizado em aberto. Isso faz com que o *onde* do objeto de análise fique em suspenso, sob observação. Ou então, que qualquer um dos conceitos seja aplicado, ou ainda, que uma outra possibilidade apareça. O espaço em branco é talvez indeterminado, talvez vazio, incompleto. Abre possibilidade para interpretações sobre o que mais pode ser um *onde*.

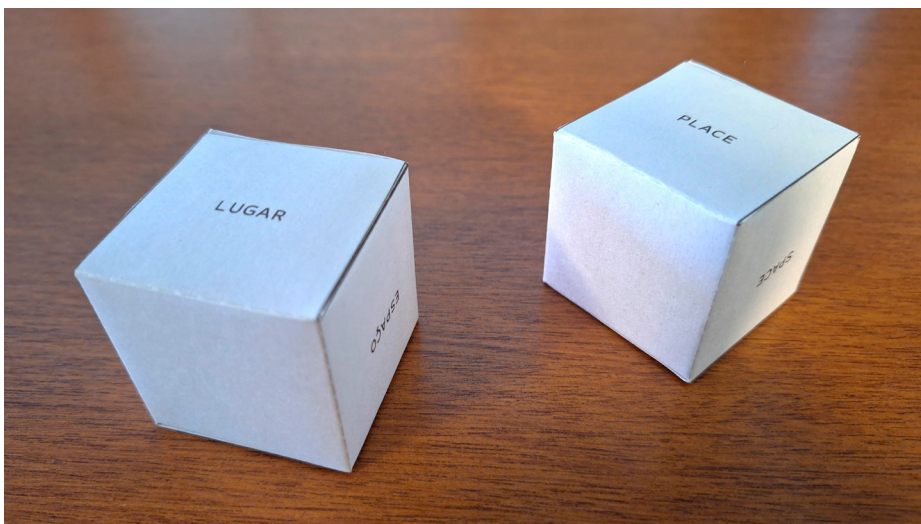


Figura 4. Fernanda Fedrizzi. *Conceito-dado*, 2023. Impressão digital sobre papel sulfite 180g/m², dobrado e colado com fita dupla-face transparente, múltiplo. Fonte: Acervo da artista.

Em *O + é deserto*, Hélio Ferverza, que aborda questões do espaço, formas de apresentação e autoapresentação em seus trabalhos, escreve que os cartões de apresentação de *Apresentações do deserto* (2001) não são o trabalho propriamente dito, mas que a proposição de os entregar e a conversa que surge por meio da ação é que o são: “os cartões podem ser aquilo que encaminha, que prepara para a arte” (Ferverza, 2003, p. 49). O trabalho consiste em quatro cartões de visita, um com nome e endereço do artista e outros três com nomes de desertos, entregues em dupla: um com dados de apresentação do artista e outro com o nome de um deserto. Os cartões possuem formato 9 x 5 cm, fundo branco, texto em preto e logotipo do artista, em cinza e amarelo. Ferverza diz que ao entregar os cartões novos espaços podem surgir, mas não obrigatoriamente surgem, assim como a arte. Ainda, escreve que os desertos lhe interessam não apenas por serem relativamente vazios, mas pelas adversidades que apresentam. Situações como a entrega dos cartões causam um desconforto do sujeito que os recebe, que é levado a pensar sobre a ação, os cartões, o artista e o deserto.

Questionado sobre a relação entre *Apresentações do deserto* e o trabalho *Apresentação para andamento e transporte* (2014), exibido na exposição *Lugar tênue*², realizada em conjunto com Maria Ivone dos Santos, Ferverza (2024) reflete sobre a noção de incompletude presente em alguns de seus trabalhos. Uma situação em que o trabalho também ocorre no sujeito em contato com ele. *Apresentação para andamento e transporte* é um trabalho composto por sete cartões de formato postal, 15 x 10 cm, cinza claros, impressos em uma única face, com uma frase-convite, uma indicação gráfica de direcionamento do olhar na paisagem, dados do trabalho e do artista. Os cartões convidam o outro a buscar pelo lugar indicado na frase e observar a paisagem, porém, diferente de *Apresentações do deserto*, Ferverza relata que este trabalho, idealmente, acontece nos cartões. Perguntado se o outro, instigado pelo convite e indo até o lugar, não faz parte do trabalho, o artista inicia uma longa digressão sobre a potência do trabalho e do que não está completo, do indeterminado.

² *Lugar tênue* foi uma exposição ocorrida de 8 de outubro a 5 de novembro de 2014 na Galeria A Sala, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. A exposição teve curadoria de Duda Gonçalves e Alice Monsell.



Do mesmo modo, pode-se dizer que a folha de papel com o dado planificado em *Conceito-dado* não é o trabalho, tampouco o dado tridimensionalizado, mas sim o ato de jogar e classificar *ondes*. A página impressa não realiza a ação que determina a potência do trabalho. O corpo que joga é uma extensão do dado e essencial para que o trabalho aconteça (Figura 5). Quando o dado é lançado sobre a superfície em análise, da mesma forma que os corpos que discutem desertos ou visitam locais indicados nos cartões, surge a discussão sobre os conceitos e a possibilidade de transformá-los em significado. Eduardo Rocha e Taís Beltrame dos Santos (2024, p. 2013) escrevem que jogar “implica engajar-se em atividades lúdicas que simbolizam dinâmicas complexas”, tais como dar nome, ou conceituar, *ondes* no cotidiano. Assim como diz Valère Novarina (2002, p. 16) sobre a fala, pode-se dizer que o dado “não efetua a troca de nenhum sentido, mas abre uma passagem” para o que há de mais profundo nas escolhas das palavras a serem utilizadas para determinar o sentido de algo.

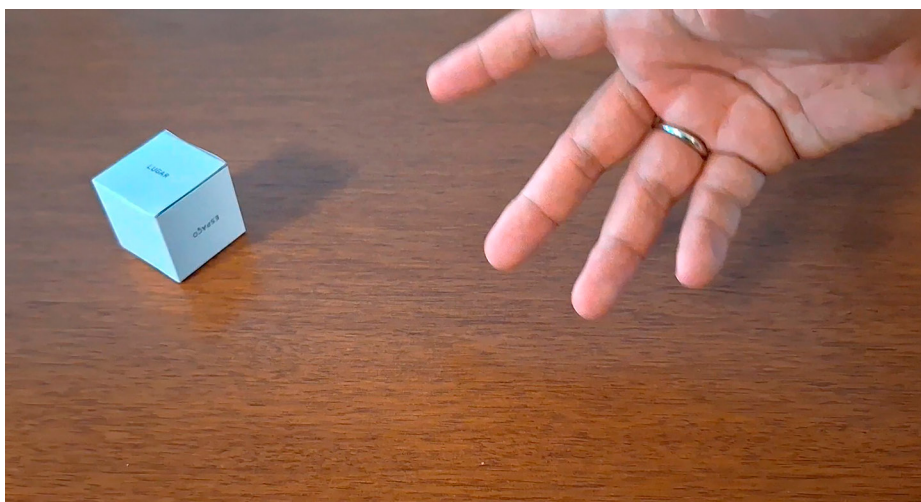


Figura 5. Fernanda Fedrizzi. *Conceito-dado*, 2023. Múltiplo. Impressão digital sobre papel sulfite 180g/m², dobrado e colado com fita dupla-face transparente. Fonte: Acervo da artista.

Em *Notes on Location*, livro de artista de Peter Downsbrough, cuja primeira publicação foi realizada em 1972, composto por 44 páginas e de formato 20,8 x 13,3 cm, o artista apresenta uma série de questionamentos por meio de linhas e escritos sobre as páginas. O trabalho, em impressão

offset branco, com capa azul e encadernação com grampos, é uma espécie de vocabulário do pensamento do artista e auxilia a compreensão do que ele entende por lugar (*place*) e localização (*location*) e como estes conceitos o ajudam a construir e pensar sobre seus outros trabalhos, especialmente os que envolvem a tensão entre linhas, característica frequente em sua produção. Por meio desta publicação surge “um campo exploratório da própria palavra designada ao pensar sobre as ações que ocorrem nas aproximações, distanciamentos e tensões conceituais e do arranjo delas no espaço da página” (Fedrizzi, 2023, p. 11). Este trabalho possui uma continuação, *Notes on Location II*, lançado em 1973, onde o artista continua a desenvolver suas questões e pensamentos, ampliando seu vocabulário e aprimorando o processo poético.

Downsbrough explorou os dados como poética em uma série de trabalhos desenvolvidos no ano de 1982. Em *Dice*, uma série de onze fotografias formato 25 x 35 cm, impressas em preto e branco em gelatina de prata, o artista fotografa os dados na ação de serem jogados, apresentando a influência de *Un coup de dés jamais n'abolira le hasard* (1897) de Stéphane Mallarmé em seu trabalho. Em *In Passing*, Downsbrough apresenta uma publicação de artista de 104 páginas, medindo 19,5 x 13,7 cm, em impressão offset preto e branco, capa mole e encadernação do tipo brochura. O livro traz fotografias e ilustrações de dados, que possuem em suas faces tanto os tradicionais pontos quanto palavras e vazios. Em *Dice Maquette*, escultura de formato 50 x 44 x 7 cm realizada em madeira e vidro em composição com dados, o artista os apresenta do mesmo modo: pontos, palavras, vazios. Anos mais tarde, em 2016, Downsbrough cria um par de dados de formato 1,6 x 1,6 x 1,6 cm, guardados em um saco de veludo. *Then* é um trabalho onde é possível ler, entre outras palavras exploradas pelo artista, então (*then*), o (*the*), como (*as*), lugar (*place*), definir (*set*), além dos espaços em branco. A escolha das palavras contempladas nos dados apresentados pelo artista vai ao encontro dos esquemas, das composições gráficas, e das esculturas realizadas pelo artista ao longo de toda sua trajetória.

A escolha das palavras que seriam utilizadas no *Conceito-dado* surge das aproximações conceituais, mas também das palavras mais utilizadas cotidianamente para nos referirmos a *ondes*, especialmente aqueles que, conceitualmente, podem vir a ser lugares. *Conceito-dado* foi



pensado para dar certa leveza à discussão presente em outros trabalhos de minha autoria, em especial *Topofobia* (2023), em que penso sobre a possibilidade da edificação sede do IA-UFRGS ser ou não um lugar, sobre sua lugaridade³ e possibilidade de lugarização⁴. O conceito de lugar é o motivo da criação de *Conceito-dado* e, portanto, é discutido em termos de aproximações e distanciamentos com os conceitos de espaço, local, território e sítio.

Popularmente, em dicionários, encontra-se a palavra lugar como sinônimo de local, sítio, espaço e região, ou seja, quase qualquer delimitação de um *onde*. Milton Santos defende o lugar como um espaço produzido por uma experiência cotidiana associada aos processos que fazem parte da globalização onde “o conceito de lugar nos é imposto antes do conceito de espaço, do ponto de vista teórico e epistemológico, o conceito de espaço precede o conceito de lugar” (Santos, 1986, p. 121). Ou seja, a existência de um lugar está associada à experiência vivida em um espaço previamente existente. Yi-Fu Tuan (2013, p. 167) diz que “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” e que “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (Tuan, 2013, p. 96). Utilizando esses conceitos e a certeza de que o lugar carrega uma dimensão da experiência, além da necessidade de tempo dedicado, vivido ou de uma pausa em um espaço (Tuan, 2013), penso em outra forma de explorar conceitos: os escritos.

Acredito na possibilidade de que os espaços em *Espèces d’espaces* (1974), em que Georges Perec dedica tempo e um olhar atento ao que está no infraordinário, podem vir a ser lugares. As reflexões surgidas sobre a edificação, a rua ou o bairro, possuem características identificadas como de lugares, em uma perspectiva surgida da experiência do autor com estes, então nomeados, espaços. Um lugar constituído em deslocamento do artista pelo espaço da página. O espaço de Perec necessita de um lugar de onde seja possível observar, como em *Tenta-*

3 Werther Holzer (2013) diz que a lugaridade, expressão difundida por Edward Relph (1976), é a expressão de uma relação dialógica entre as pessoas e os lugares.

4 “Lugarizar é fazer lugar por meio dos afetos e significados atribuídos a um espaço através da vivência” (Fedrizzi, 2024, p. 220). O conceito completo de lugarizar pode ser consultado no verbete de minha autoria incluso no *Verbolário da Caminhografia* urbana, organizado por Eduardo Rocha e Tais Beltrame dos Santos, publicado pela Editora Caseira em 2024.

*tiva de esgotamento de um local parisiense*⁵ (2016), invertendo a ordem da interdependência entre os conceitos apontada por Santos (1986). Em *Espèces d'espaces*, o autor fala sobre a memória envolvida nos espaços, especialmente aqueles habitados, como o quarto, ou a cama, que poderiam ser considerados lugares à medida que se constroem pela experiência. Tuan reflete sobre as experiências íntimas com o lugar, tais quais podem ser observadas em Perec:

A casa como lugar está cheia de objetos comuns. Nós os conhecemos por meio do uso; não lhes prestamos atenção como fazemos com as obras de arte. Eles são quase parte de nós mesmos, estão muito próximos para serem vistos. [...] O lar é um lugar íntimo. *Pensamos* na casa como lar e lugar, mas as imagens atraentes do passado são evocadas não tanto pela totalidade do prédio, que somente pode ser visto, como pelos seus elementos e mobiliário, que podem ser tocados e também cheirados: o sótão e a adega, a lareira e a janela do terraço, os cantos escondidos, uma banqueta, um espelho dourado, uma concha lascada (Tuan, 2013, p. 176, grifo do autor).

O que ocorre é uma mistura entre os lugares e os espaços, em uma perspectiva intertextual onde Perec utiliza a palavra *espaces* para designar o que aparentemente são *lieux*, assim como acontece nas falas cotidianas, onde, por vezes, usamos as palavras separadas de seus sentidos conceituais. Categorizar um *onde* é importante para que se dê sentido ao que é experienciado, mas como decidimos qual é a palavra que vamos utilizar ao designar o que experienciamos? Em *Diante da palavra*, Novarina escreve que “as palavras que você diz estão mais dentro de você do que você” e que elas “não vêm mostrar coisas, dar-lhes lugar, agradecer-lhes educadamente por estarem aqui, mas antes parti-las e derrubá-las” (Novarina, 2002, p. 11). O que as palavras que escolhemos

5 No original, em francês: *Tentative d'épuisement d'un lieu parisien* (1975). Interessante notar que a palavra *lieu*, que em francês possui diversos significados e usos, entre eles, o sentido de lugar, que foi traduzido como *local* em português. Esta tradução acaba por alterar os possíveis sentidos que podem ser aplicados ao entendimento do *onde* em que ocorrem as ações descritas no livro se observados os diferentes significados das palavras, tanto no original, quanto na tradução.



para exprimir o que pensamos sobre um *onde* falam sobre como vemos o mundo? Ao optar por uma ou outra palavra alteramos a forma como estes *ondes* são percebidos.

Ao falar sobre *a atração do local*, em *The Lure of the Local: Senses of Place in a Multicentered Society* (1997), Lucy Lippard explora os aspectos que constituem as relações entre as pessoas e os locais, além de traçar características que aproximam local e lugar:

Inerente ao local está o conceito de lugar — uma porção de terra/cidade/paisagem urbana vista de dentro, a ressonância de um local específico que é conhecido e familiar. Na maioria das vezes, o lugar se aplica ao nosso próprio “local” — entrelaçado com a memória pessoal, histórias conhecidas ou desconhecidas, marcas feitas na terra que provocam e evocam. O lugar é latitudinal e longitudinal dentro do mapa da vida de uma pessoa. É temporal e espacial, pessoal e político. Um local em camadas repleto de histórias e memórias humanas, o lugar tem largura e profundidade. Trata-se de conexões, do que o cerca, do que o formou, do que aconteceu e do que acontecerá ali (Lippard, 1997, p. 7, tradução nossa)⁶.

Seu principal argumento é de que o relacionamento entre pessoas e locais está ligado ao *sentido de lugar*, que ela define como o vínculo emocional e psicológico que uma pessoa tem com o local onde vive ou viveu. A autora descreve o local como uma forma transitória de pertencimento, que proporciona conexões com realidades diferentes da que a pessoa está inserida. O lugar, por sua vez, segundo a autora, é visto de dentro, de uma forma que a pessoa se sente verdadeiramente pertencente ao local.

6 No original: "Inherent in the local is the concept of place — a portion of land/town/cityscape seen from the inside, the resonance of a specific location that it is known and familiar. Most often place applies to our own "local" — entwined with personal memory, known or unknown histories, marks made in the land that provoke and evoke. Place is latitudinal and longitudinal within the map of a person's life. It is temporal and spatial, personal and political. A layered location replete with human histories and memories, place has width as well as depth. It is about connections, what surrounds it, what formed it, what happened there, what will happen there."

No artigo *Lugar, paisagem, experiência*, Angelo Serpa traça diferenças entre os processos de lugarização e territorialização e afasta os conceitos de lugar e território e, ainda, de local e lugar: “lugar nunca pode ser compreendido apenas como sinônimo de esfera próxima, como ‘local’” (Serpa, 2020, p. 103). O autor defende que um lugar pode se tornar território e vice-versa, e que ao se abrirem para a alteridade, para o outro, o diferente, o território pode vir a se transfigurar em lugar.

Territórios se criam e consolidam no dia a dia entre aqueles que compartilham de interesses / ideologias / referenciais culturais comuns (étnicos, religiosos, de gênero, políticos etc.) e são dotados de certa homogeneidade interna, ao impor distinções entre *insiders* e *outsiders* (Serpa, 2020, p. 103, grifo do autor).

Referente ao conceito de território, o geógrafo Jean Gottmann (2012, p. 542, grifo do autor) afirma que, desde os anos 1970, este “ênfatiza o povo e sua organização como o *corpo político*, e também como legislador” e afirma que este é um “dispositivo *psicossomático* necessário para preservar a liberdade e a diversidade de comunidades separadas em um espaço acessível independente”. Já um sítio, segundo os dicionários Houaiss (2024), Michaelis (2024) e Priberam (2024), está relacionado a uma localização ou área específica, como um sítio histórico ou uma pequena propriedade no interior. Pode ser entendido como sinônimo de local e lugar, além de marcar onde um evento específico ocorre em um determinado momento: *o evento acontecerá às 18h em tal local*. Tanto o território como o sítio referem-se a uma área geográfica específica, porém, enquanto o território parece ser um termo mais amplo, o sítio aparenta ser um termo mais específico.

O lugar parece estar relacionado à experiência, à heterogeneidade, ao íntimo e sua relação com o todo. Apresenta possibilidade de ser pensado conceitualmente de maneira a falar de um lugar geográfico e como intimidade, nas dobras da complexidade das coisas do cotidiano e dos fenômenos que acontecem na imersão em uma determinada situação. Não que os outros conceitos apresentados em *Conceito-dado* não possam provocar discussões similares, mas o lugar propicia algo diferente



em potência quando é discutido como algo familiar (Tuan, 2013) e visto de dentro (Lippard, 1997), além de associado aos acontecimentos do dia a dia (Santos, 1996). David Seamon afirma:

O lugar é poderoso porque só por ser o que é, ele junta o mundo espacial e ambientalmente, delineando centros da ação humana, seus significados e intenções que, por outro lado, contribuem na formação do lugar. Esta conceitualização significa que o lugar não é um ambiente físico separado das pessoas associadas a ele, mas ao contrário, é indivisível a geralmente desconsiderada situação da experiência-de-lugar-das-pessoas (Seamon, 2017, p. 157).

Conceito-dado propicia a abertura para a discussão de conceitos-chave para pensar o lugar, o espaço, o território, o sítio e o local, ou seja, os *ondes*. Montar o dado, jogá-lo e brincar com os conceitos dá uma leveza à discussão conceitual e evidencia as arbitrariedades não apenas das palavras, mas de suas possibilidades de conceituação.

[...] o jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função significante, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo existe alguma coisa “em jogo” que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa (Huizinga, 2000, p. 5).

As palavras possuem a capacidade de alterar realidades e, consequentemente, conceitos e formas de percepção. Os sentidos dados aos conceitos em *Conceito-dado* se esquivam de seus significados reais e abraçam a aleatoriedade ao jogar com as palavras, transformando não apenas os *ondes*, mas a própria discussão sobre o que um conceito pode, ou não, determinar. Ao escolhermos as palavras que irão designar *ondes*, ampliamos conceitos, dando a ver como percebemos o que temos ao nosso redor e em nós mesmos.

REFERÊNCIAS

- DOWNSBROUGH, Peter. **In Passing**. Paris: Eric Fabre, 1982.
- DOWNSBROUGH, Peter. **Notes on Location**. Brest: Zédélé Editions, 2012.
- FEDRIZZI, Fernanda. Entre o espaço da página e o espaço urbano: as publicações de Peter Downs brough na década de 1970 e os desdobramentos em outras linguagens. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 15, n. 37, p. 1–24, 2023. DOI: 10.5965/2175234615372023e0010. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/24022>. Acesso em: 14 nov. 2024.
- FEDRIZZI, Fernanda. Lugarizar. In: ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís B. [org.]. **Verbolário da caminhografia urbana**. Pelotas: Caseira, 2024.
- FERVENZA, Hélio. **Depoimento oral não publicado fornecido à autora no dia 14 de fevereiro de 2024**. Porto Alegre, 2024.
- FERVENZA, Hélio. **O + é deserto**. São Paulo: Escrituras, 2003.
- GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. Tradução: Isabela Fajardo e Luciano Duarte. Revisão: Fabricio Gallo. **Boletim Campi-neiro de Geografia**, v. 2, n. 3, 2012.
- HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. **Cidades**, v. 10, n.17, p. 18-29, 2013.
- HOUAISS. **Dicionário Houaiss**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 31 jul. 2024.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: O jogo como elemento de cultura. Tradução: João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- LIPPARD, Lucy. **The Lure of the Local**: Senses of Place in a Multicentered Society. New York: The New Press, 1997.
- MICHAELIS. **Dicionário Michaelis Online**. [S.l.], 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 31 jul. 2024.
- NOVARINA, Valère. Diante da palavra. Tradução: Ângela Leite Lopes. **Revista Folhetim**, Teatro do Pequeno Gesto, Rio de Janeiro, n.15, out-dez 2002.



PEREC, Georges. **Espèces d'espaces**. Paris: Galilée, 1974.

PEREC, Georges. **Tentativa de esgotamento de um local parisiense**. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Era uma vez o beco: origens de um mau lugar. In: BRESCIANI, Maria Stella [org.]. **Palavras da Cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em: 31 jul. 2024.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís B. [org.]. **Verbolário da caminhografia urbana**. Pelotas: Caseira, 2024.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo – razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 1986.

SERPA, Angelo. Lugar, paisagem e experiência. **Geograficidade**, v. 10, n. especial, p. 99-105, out. 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Edue, 2013.

Fernanda Fedrizzi é artista publicadora e doutoranda em poéticas visuais (PPGAV/UFRGS). Dedicada à pesquisa prático-teórica ao lugar e à palavra por meio de publicações de artista.

Website: <https://www.fernandafedrizzi.com>.

E-mail: fernanda.fedrizzi@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6377-1222>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8362399008203203>

Artigo recebido em 09.08.2024 e aceito em 09.11.2024.

